FÓRUM INTERSINDICAL
SAÚDE – TRABALHO – DIREITO

Setembro - 2017
Informativo
ANO III - Nº 25

COORDENAÇÃO DESTA EDIÇÃO DIHS/ENSP/FIOCRUZ

Retomar o Brasil é um ato de amor e fé pela saúde do trabalhador

Nesta edição

Editorial – Retomar o Brasil é um ato de amor...	1
Entrevista – Jandira Maciel da Silva	2–4
Artigo do mês – Leonardo Eberhardt	5–6
Perfil Sindical – Claudinei de Souza	7
Trabalhadores Anônimos – Espedita	8
Informes	9–10

EDITORIAL*

Há um sentimento de tristeza cívica entre aqueles que sonham com um país que não é este que estão desenhando. Há um tantão de povo, e o povo da saúde do trabalhador está nele incluído, que quer outro país, outra terra, outra nação, outra pátria e outro Estado que nos honre. Por ora, o sentimento é de profunda tristeza cívica. Há um parlamento que nos desonra, há um judiciário que nos confunde, há um executivo que nos desmonta, há uma mídia que nos engana, mas há uma coragem recolhida e pronta para ser usada contra isso. Há também uma voz que espera a hora de ser berrada. Há, ainda, uma solidariedade entre nós em construção silenciosa e há uma alegria cívica sendo tecida. Paira no ar uma sensação de esperança tão avassaladora que ainda não nos demos conta de reconhecê-la em nossas cabeças-punhos-pés. Fizeram-se donos do país aqueles que falam em nome deles mesmos, como se a história do mundo não lhes mostrasse que sua hora chegará. A saúde do trabalhador, com a fieira de seus doentes e mortos, que o diga. Trabalhadores constroem a pátria em troca da escuridão. Os atuais e efêmeros donos do poder rifam o país como se rifassem uma prenda numa festa de bois de raça e cavalos corredores. Sua desgraça é continuarem tentando ser senhores de escravos, ladrões da coisa pública, corruptos, machistas, violentos, racistas, homofóbicos, xenófobos, fundamentalistas. A classe política brasileira de tão degenerada, em sua maioria, envergonha a arte da política. Suas palavras de ordem de veneração ao mercado, ao capital, à acumulação ilimitada, ao Estado mínimo, ao desmonte das políticas públicas, à privatização da saúde, da educação, da ciência, da arte, do meio ambiente, da previdência social, do trabalho, à concentração ainda maior da terra, ao completo abandono da habitação e do transporte são palavras amaldiçoadas pela sentença de um futuro que está cada vez mais próximo. País nenhum é capaz de ser tão espoliado e maltratado por uma classe política degenerada que não tem limite na sua ousadia. É sabido que o nosso lugar de fala - o da saúde do trabalhador - encontra-se no espectro ideológico da esquerda. Não há espaço na militância da saúde do trabalhador para o que entendemos como direita política. A direita política é absolutamente incompatível com a defesa da saúde no trabalho, especialmente em nosso país, cujo capitalismo é desumano, se é que há humanidade no capitalismo, é predatório, é oportunista, é insensível, é opressor, é explorador, para ficar em alguns de seus adjetivos, hoje cada vez mais evidentes. É claro que não estamos falando do caráter de pessoas, falamos do caráter de ideologias. Quando falamos de uma direita, no Brasil, estamos falando de uma doutrina que tem na riqueza infinita de poucos a miséria infinita da grande maioria. E falamos, ainda, de posições político-partidárias que não têm em sua agenda a questão dos direitos humanos. Pois se a saúde do trabalhador não é, em primeira e última instância, uma questão de direitos humanos, o que mais seria? Mas, também, não somos ingênuos de pensar que a esquerda, no Brasil, não tem cometido erros, e graves. Erros, especialmente, quando contemporiza com o poder econômico e com esse capital da pior laia, em nome de uma governabilidade que não vinga. Transigir com o latifúndio, com a privatização da educação e da saúde, com o financiamento público das empresas privadas, com as grandes fortunas, com a destruição ambiental, com o extermínio de populações vulneráveis, com o direito de herança, com a exploração do trabalho, com a Cia. Iltda. da corrupção, com o patrimonialismo, o clientelismo, o fisiologismo, o nepotismo e o tráfico de influência, com a ocupação político-partidária de cargos técnicos no poder executivo, com o analfabetismo funcional, com as sangrias internacionais, com o enfraquecimento do Estado, e tantas outras contradições, tem como resultado um país de poucos para poucos, que destroça direitos como descarta caroços, razão de nossa tristeza cívica. Diante da gravidade da atual demolição de direitos que, no nosso caso da saúde, é muito evidente e nos está muito próxima, a agenda eleitoral de 2018 não parece ser o nosso estuário de esperanças. Retomar o Brasil das mãos de quem nos usurpa a esperança é um ato de amor e fé ao nosso país. Para isso, assim como o beija-flor que carrega sua gotinha d'água no bico para ajudar a apagar o incêndio da floresta, o Fórum Intersindical tem muita água p'ra carregar, capaz de apagar quanto fogo que tenha que enfrentar. ■ ■ ■

***Os editoriais do Boletim expressam a opinião da coordenação do Fórum Intersindical e nem sempre a de todos os participantes. A cada reunião ordinária, os editoriais são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.**

A fala da Saúde do Trabalhador

Jandira Maciel da Silva

Médica graduada em 1984 pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Jandira pautou sua atuação, desde sempre, na Medicina Preventiva e Social e na Saúde Pública. A aproximação, na vida acadêmica, com a questão da relação saúde-trabalho deu-se no mestrado em Engenharia de Produção e, depois, no doutorado em saúde coletiva, na Unicamp. Atualmente, como professora do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da UFMG é responsável pela disciplina de saúde do trabalhador na graduação médica, honrando os ensinamentos de Bernardino Ramazzini. Jandira, em sua inesgotável atuação na saúde do trabalhador é também supervisora da Residência em Medicina do Trabalho do Hospital das Clínicas da UFMG e do Serviço de Saúde do Trabalhador do Hospital das Clínicas da UFMG. Sua atuação, atualmente, é dirigida para a vigilância em saúde do trabalhador, o trabalho rural e a questão dos agrotóxicos e do câncer relacionados ao trabalho. Além disso, Jandira é coordenadora do Grupo de Trabalho de Saúde do Trabalhador da Abrasco [Associação Brasileira de Saúde Coletiva], participa do Grupo de Estudos em Saúde e Trabalho Rural (GESTRU/UFMG), do Grupo Técnico-Científico da Fundacentro-MG e é membro da Comissão Intersetorial de Saúde do Trabalhador de Minas Gerais (CIST/MG).

FIS - Jandira, conte-nos como foi sua entrada na saúde do trabalhador (ST).

Jandira - Lá pelos idos de 1983, quando estava terminando o curso de medicina, deparei-me com um cartaz no hall da escola, informando que estavam abertas as inscrições para interessados em cursar a disciplina Medicina do Trabalho. Era uma disciplina optativa, ofertada pela professora Elizabeth Costa Dias, e naquele momento era, salvo engano, o único conteúdo estruturado sobre o tema na Faculdade de Medicina da UFMG. Não cursei a disciplina, mas aquele cartaz chamou minha atenção e me trouxe uma inquietude, de forma que me lembro dele até hoje. No 2º semestre daquele mesmo ano, já no 11º período do curso, ao fazer o Internato Rural em Ouro Verde de Minas, uma pequena cidade localizada na região do Vale do Mucuri, uma das regiões mais pobres de MG, dei mais um pequeno passo em direção à saúde do trabalhador, ainda que sem nenhuma clareza sobre isto. Naquela cidade encontrei, entre tantas questões, a dura realidade dos trabalhadores rurais, que trabalhavam em regime de agricultura familiar e que, cotidianamente, chegavam ao nosso pequeno ambulatório médico em busca de algum conforto, algum tipo de remédio que pudesse aliviar suas dores, físicas e/ou mentais. Foi nesse momento que compreendi as limitações da medicina enquanto prática sanitária capaz de resolver, isoladamente, os problemas de saúde das populações. Com certeza, este foi meu primeiro contato, digamos mais organizado, com aquilo que mais tarde conheci como *Saúde do Trabalhador*. Foram os agricultores familiares de Ouro Verde de Minas que me ensinaram os primeiros passos nessa busca constante de compreender as relações entre saúde, doença e trabalho.

Diria que, nada como um banho de realidade! Lá, me deparei com homens, mulheres e crianças que insistiam em buscar o ambulatório da cidade querendo uma solução, um remédio, um tratamento para seus males, expressos em uma pele ressequida e precocemente enrugada; em queixas de dores nas costas, nas pernas e braços; na memória curta; no "estado nervoso" e na fraqueza por todo o corpo. Mas, por outro lado, já se organizavam na luta por melhores condições de vida, de trabalho e de saúde. Também lá, aconteceu meu primeiro contato com um sindicato, no caso o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ouro Verde de Minas. Assim, diria que minha entrada na saúde do trabalhador se constrói a partir dessa vivência no internato rural e começa a se materializar a partir de 1984, quando já graduada, aproximo-me do Ambulatório de Doenças Profissionais (ADP) do Hospital das Clínicas/Faculdade de Medicina (HC/UFMG). Este ambulatório, criado em 1983, surgiu como fruto de uma parceria entre a Fundacentro/MG, o HC/UFMG e o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). O serviço, especializado no diagnóstico, tratamento e orientação aos trabalhadores, foi pioneiro em MG no reconhecimento de doenças relacionadas com o trabalho, na formação acadêmica e na produção de conhecimentos no campo da Saúde do Trabalhador. Não saí mais de lá. Outro ponto importante do ADP foi a parceria, desde o início, com os trabalhadores, através de alguns sindicatos mais organizados em torno da luta pela saúde, como os Petroleiros/MG e os Metalúrgicos de Belo Horizonte (BH) e Contagem. A participação dos trabalhadores, através dos sindicatos, acontecia em reuniões periódicas com professores, alunos e profissionais de diversos setores, nas quais, além de trazer demandas, contribuía no

desenho de um serviço, que mantivesse seus laços com as necessidades dos trabalhadores. No início do serviço, as demandas de saúde apresentadas pelos sindicatos eram saturnismo, benzenismo e dermatites de contato; depois as LER-DORT que continuam presentes, principalmente na forma de casos, cada vez mais graves, de hérnia de disco cervical e lombar, associados a problemas de saúde mental.
O ambulatório cresceu e hoje é o Serviço Especial de Saúde do Trabalhador do Hospital das Clínicas da UFMG (SEST/HC-UFMG), organizado em torno de ambulatórios específicos: saúde mental; distúrbios do sono; pneumopatias; trabalho rural e músicos. Esta aproximação com um serviço de atenção à ST me trouxe a necessidade de buscar uma formação mais específica, mais robusta e qualificada, o que me levou à residência de Medicina Preventiva e Social, na mesma instituição. Foi o primeiro contato com os grandes pensadores que constituem a base teórica do campo da ST, como Marx, Lukács, Laurell, Breilh, entre outros. Todo esse processo me levou ao efervescente movimento sindical dos anos '80 e '90. Tive a oportunidade de ser assessora de ST dos Sindicatos: Metalúrgicos de BH e Contagem; e Petroleiros/MG, por mais de 10 anos. Estas vivências consolidaram, de forma definitiva, minha escolha profissional pela ST, enquanto área da Saúde Pública/Saúde Coletiva.

FIS - Destaque alguns fatos relevantes em que você participou ao longo de sua trajetória na ST.

Jandira - Minha grande escola foram os sindicatos. Inicialmente, no Sindicato dos Metalúrgicos de BH e Contagem, pude vivenciar de perto a eclosão dos primeiros casos de LER-DORT entre os metalúrgicos que, num primeiro momento, atingiram jovens trabalhadoras de uma empresa terceirizada, fabricante de chicotes elétricos para a maior montadora de carros da grande BH. Estávamos diante de uma epidemia e aquele foi um momento difícil, desafiador e de muita luta. Era o primeiro emprego daquelas mulheres que se mostraram muito aguerridas no enfrentamento da situação. As ações do sindicato aconteceram em várias frentes: a criação de uma comissão de saúde das trabalhadoras, que se envolveu diretamente na luta pelo reconhecimento social da doença, principalmente junto ao INSS; nas negociações com a empresa, buscando garantir estabilidade no emprego para as lesionadas, além de propostas de intervenção visando a melhoria das condições de trabalho e a prevenção de surgimento de novos casos. Neste sentido, um dos acordos do sindicato com a empresa foi a realização de um estudo ergonômico dos postos de trabalho que estavam originando os casos, sendo que este deveria ser feito com o acompanhamento do sindicato e da comissão de trabalhadoras. O objetivo do estudo era o de gerar propostas para a correção das situações causadoras da doença. Mas, nem o sindicato e nem a comissão conseguiram acompanhar o estudo. E, para complicar, uma das orientações decorrentes do estudo, prontamente atendida pela empresa, foi a de substituir a mão de obra feminina pela masculina. Foi uma dura lição para todos nós.
Posteriormente, já no Sindipetro MG, um pouco mais experiente entrei em contato com o problema da terceirização e quarteirização dentro da REGAP [Refinaria Gabriel Passos], a gradativa redução da mão de obra própria da Petrobrás, os primeiros casos de sofrimento mental, graves acidentes de trabalho, impactos ambientais e a relação entre a empresa e a população circunvizinha.

Tratava-se de um tipo de indústria caracterizada por processo de produção contínuo, sistemas complexos e interligados e, com elevado nível de qualificação os seus técnicos. Com uma forte organização sindical, importante dizer que todas estas questões estavam presentes nas outras unidades da Petrobrás, sendo as mesmas incorporadas nas pautas de lutas da FUP - Federação Única dos Petroleiros. Foi a partir desse lugar que pude conhecer de perto os diversos processos de trabalho, que embora fossem diferentes em suas características organizacionais, gerenciais e tecnológicas, determinando distintas maneiras de adoecer e morrer dos trabalhadores e das trabalhadoras, estavam todos ancorados na exploração e alienação da força de trabalho. Por isso, em ambos os sindicatos, nossa linha de atuação no campo da saúde do trabalhador sempre esteve sintonizada com ideal da luta pela "emancipação dos trabalhadores e das trabalhadoras". Outra importante escola foi o SUS, particularmente a Secretaria de Estado da Saúde de MG (SESMG). Por alguns anos estive à frente da Coordenação Estadual de Saúde do Trabalhador, de onde pude contribuir na organização e implementação de ações e serviços de saúde do trabalhador, enquanto prática sanitária e área de competência do SUS, em conformidade com a Constituição Federal de 1988 e com as Leis Orgânicas da Saúde [Lei 8080/90 e Lei 8142/90]. Isto me possibilitou vivenciar o SUS por dentro de seus processos de gestão, de disputa política e ideológica e de organização da SESMG no estado. Percorri e conheci os diversos processos produtivos espalhados pelos territórios mineiros, assim como a organização dos trabalhadores em diversos movimentos. Tudo isso foi fundamental para compreender e colocar em prática os conceitos de inter e intrassetorialidade, assim como a descentralização da área para o interior do estado, que conta com 853 municípios, buscando sempre a participação do controle social e dos movimentos sindicais e sociais. Destaco também as Conferências Nacionais de Saúde do Trabalhador [CNST], em especial as III e IV CNST e a participação na construção da Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora (PNSTT), publicada em 2012. Igualmente importante estar na Coordenação do Grupo de Trabalho Saúde do Trabalhador da Abrasco [GT-ST/Abrasco - Associação Brasileira de Saúde Coletiva], papel que assumi em julho de 2015, juntamente com minha querida amiga Letícia Nobre, coordenadora do Cesat/BA. Nosso mandato termina em julho de 2018, no Abrascão 2018. Tem sido um desafio, dada a situação de desmonte das políticas públicas sociais vivenciadas no Brasil nos últimos tempos.

FIS - Qual sua área de atuação hoje na ST?

Jandira - Sou docente do Depto. de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina/UFMG, onde desenvolvo atividades de ensino, extensão e pesquisa em ST. No curso de graduação da medicina temos a disciplina "Saúde do Trabalhador", oportunidade ímpar para a discussão com alunos do curso médico sobre o processo saúde-doença relacionado com o trabalho. No SEST/HC, recentemente fomos demandados pela Clínica do Trabalho Escravo da Faculdade de Direito/UFMG, a prestarmos assistência a um conjunto de trabalhadores em situação de trabalho escravo, em uma distribuidora de refrigerantes em BH. Para se ter ideia da gravidade da situação, encontramos jornadas de trabalho de 16 horas. Esta demanda nos levou a atuar na frente contra o Trabalho Escravo Contemporâneo. Faço, ainda, parte do Gestru - Grupo de Estudos sobre Saúde e Trabalho Rural, com foco nos agrotóxicos.

Desenvolvemos uma série de ações de extensão e de pesquisa, sempre vinculadas às demandas dos trabalhadores. Neste momento, por demanda dos trabalhadores rurais, iniciamos um estudo sobre câncer e agrotóxicos em algumas regiões de MG. Também estamos envolvidas em trabalho de pesquisa e de extensão com os atingidos pelo rompimento da barragem de rejeitos minerais em Mariana, MG, a partir da compreensão do evento como um "'Acidente' de Trabalho Ampliado". Entendemos que os trabalhadores da Samarco/ Vale/BHP Billiton não foram os únicos atingidos pelo rompimento da barragem. Também os trabalhadores que vivem da produção agrícola, pesca, turismo e artesanato tiveram suas atividades interrompidas com sérios prejuízos às atividades produtivas locais, a jusante e a montante do empreendimento, afetando a renda, a subsistência e o modo de vida dessas populações. Não poderia deixar de citar que atuo no "Projeto de Articulação e Qualificação da Atuação do Controle Social, na PNSTT", coordenado pelo Diesat, com apoio do Conselho Nacional de Saúde (CNS). E estou bastante envolvida com a 1ª Conferência Nacional de Vigilância em Saúde e com o 12º Congresso Nacional da Abrasco, o Abrascão 2018.

FIS - Como vê a ST hoje no Brasil?

Jandira - Politicamente, estamos em um momento de muitas perdas. Passamos por um momento de grave afronta ao Estado Democrático de Direito, com a desconstrução de políticas públicas sociais cidadãs, incluindo a contrarreforma trabalhista e a lei geral da terceirização, entre outras. As reformas já aprovadas vão intensificar a precarização das condições e das relações de trabalho, caracterizada por flexibilização contratual, intensificação do ritmo de trabalho, extensas jornadas de trabalho, baixos salários, cobrança por produção, cumprimento de metas, violência, assédio moral e, muitas vezes, sexual, que levam à própria precarização da "pessoa-humana-que-trabalha". A elas somam-se a terceirização irrestrita, migração, trabalho infantil e análogo à escravidão, aumento da vulnerabilidade social das populações brasileiras e fragilização da organização dos trabalhadores em suas lutas por melhores condições de vida e de trabalho. Um dos mais importantes desdobramentos para os trabalhadores, embora ainda não esteja devidamente avaliado, mas que já se apresenta no horizonte, é a própria sobrevivência do movimento sindical, profundamente ameaçado com a contrarreforma trabalhista. Destaco também, o surgimento de grandes catástrofes sociais, que estamos assistindo no Brasil, decorrentes de processos produtivos nos territórios, com graves repercussões sobre a vida e a saúde dos trabalhadores, das populações em geral e sobre o ambiente. Cito como exemplo o "Acidente" de Trabalho Ampliado da Samarco. Não poderia deixar de falar sobre o desafio de avançarmos na implementação da PNSTT no SUS, numa concepção de uma rede de atenção à ST, com controle social (conselhos de saúde e CISTT) e participação dos trabalhadores. Dentro dessa perspectiva, na construção de uma Vigilância em Saúde do Trabalhador (Visat) concebida e praticada na ideia da ação/ intervenção/emancipação, como tem sido discutido no GT ST/Abrasco.

FIS - O que acha da relação da academia com os sindicatos na produção de conhecimentos em ST?

Jandira - A relação está muito distante. Continuamos com pouca visibilidade e contra-hegemônicos na produção de conhecimento, cuja base é a relação capital-trabalho. Parte significativa da academia não quer saber desta questão. Aliás, nega! Isto fica muito claro, por exemplo, ao analisarmos as avaliações, os estudos, as matérias da mídia sobre o "Acidente da Samarco". Há uma unanimidade de que foi, e efetivamente foi, a maior tragédia ambiental do Brasil. O problema é que se desconsidera sua origem, que está no processo de trabalho da mineradora, assim como se desconsidera os impactos para a saúde dos trabalhadores atingidos no território de mais de 700 km. Se olharmos o campo na pós-graduação e nas publicações científicas, a conclusão, inevitável, é a de que não estamos bem. Temos poucos programas e muitas dificuldades para publicar. Penso que este cenário se deve, em parte, ao distanciamento das forças sociais, ao não priorizarem a ST como uma pauta política central na luta pela emancipação dos trabalhadores. Agora, quero destacar dois importantes eventos que acontecerão nos próximos meses, em relação aos quais, penso que a ST precisa se fazer presente de forma organizada e propositiva. Inicialmente, a 1ª Conferência Nacional de Vigilância em Saúde, prevista para 28/11 a 01/12, cujo principal objetivo é "*Propor diretrizes para a formulação da Política Nacional de Vigilância em Saúde e o fortalecimento de ações de Promoção e Proteção à saúde*", integrando as diversas vigilâncias. Trata-se de um momento estratégico de defesa do SUS, que tem como tema central da conferência "*Vigilância em Saúde: Direito, Conquista e Defesa de um SUS Público de Qualidade*". É também um momento estratégico para a ST, de olho na incorporação da Visat (vigilância dos ambientes e dos processos de trabalho, assim como da notificação dos agravos à saúde relacionados com o trabalho) no processo de construção da Política Nacional de Vigilância em Saúde (PNVS), numa perspectiva universal, participativa e com controle social. Se perdermos esta construção no seu nascedouro, teremos dificuldades em uma recuperação mais à frente. Importante registrar que o CNS pretende lançar a PNVS em 2018, como comemoração dos 30 anos da Constituição Federal de 1988, a Constituição Cidadã. Outro momento importante é o 12º Congresso Nacional da Abrasco [Abrascão 2018], que acontecerá na Fiocruz, Campus Manguinhos, RJ, de 24 a 29 de julho de 2018. Este congresso traz como inovação a ideia de ser um "congresso processo", onde universidades, unidades de serviços e pesquisa, juntamente com movimentos sociais e sindicais, estão sendo estimulados a construírem seminários, cursos e atividades regionais, para fomentar o debate e a construção de um projeto comum em defesa da sociedade. O objetivo final é termos no Abrascão um "Caderno sobre SUS, direitos e democracia", como tem sido explicitado por Gastão Wagner, presidente da Abrasco. Finalizo esta entrevista convidando este Fórum a engrossar, caso ainda não tenha feito, o processo de construção e de participação na 1ª CNVS e no Abrascão 2018. Um abraço a todos. ■ ■ ■

Conheça a tese de doutorado de Jandira Maciel da Silva - CÂNCERES HEMATOLÓGICOS NA REGIÃO SUL DE MINAS GERAIS – Unicamp 2007
http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/309615/1/Silva_JandiraMacielda_D.pdf

Acompanhe a história da Saúde do Trabalhador no Brasil
Siga o Boletim Informativo do Fórum Intersindical

[entrevista concedida ao Fórum Intersindical - agosto 2017]

Os imigrantes e a saúde do trabalhador: reflexões a partir de uma pesquisa de campo

artigo do mês

Leonardo Dresch Eberhardt

> ***O trabalho é ... uma dimensão importante do processo migratório. ... a principal questão que leva os indivíduos a migrarem é a procura por emprego, e, dessa forma, tentar garantir a própria sobrevivência e a dos familiares.***

As questões trazidas por este artigo derivam de pesquisa realizada na cidade de Cascavel, Paraná, entre 2015 e 2016. Trata-se de um município com cerca de 300 mil habitantes, localizado na região Oeste do estado do Paraná, que passou a receber um contingente expressivo de imigrantes (sobretudo haitianos, mas também de outras nacionalidades), a partir de 2010.

A pesquisa consistiu em entrevistas com imigrantes haitianos, análise de Acordos Coletivos de Trabalho (ACT) e análise de notícias publicadas por portais de notícias online de Cascavel (EBERHARDT, 2017). Para discutir a relação entre trabalho e saúde, o estudo teve como foco principal o setor de produção de carne de frango. Este é um setor de importância econômica para a região Oeste do Paraná, sendo o principal empregador de imigrantes haitianos nos últimos anos. Além disso, estudos realizados na região têm demonstrado que o trabalho nos frigoríficos de aves é extremamente prejudicial à saúde e vida dos trabalhadores (EBERHARDT; MIRANDA, 2016). Nosso objetivo, neste artigo, é apresentar alguns pontos importantes da saúde dos imigrantes e discuti-los na perspectiva da classe trabalhadora, tomada de forma mais ampliada.

Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que a imigração é um componente importante da atualidade. Vários autores têm relacionado a 'retomada' da imigração internacional ao contexto global de integração econômica, política e social: isto é, a assim chamada 'globalização' (EBERHARDT; MIRANDA, 2017).

O Haiti é um dos países afetados pelos processos migratórios. Com uma história marcada por crises políticas, econômicas e sociais – agravadas pelos desastres ambientais, como o terremoto de 2010 que atingiu a capital Porto Príncipe – uma grande parcela da população haitiana vive fora do país de origem. O Brasil, a partir de sua participação na liderança de uma missão de paz no Haiti, tornou-se um dos destinos da imigração haitiana.

A partir disso, perguntamos: como se dá a relação entre trabalho e saúde no caso dos imigrantes?

Antes de responder a essa pergunta, é preciso colocar outra: de que imigrantes estamos falando? Isso por que os imigrantes não são absolutamente iguais entre si. Villen (2014), por exemplo, aponta que o Brasil é alvo de uma onde imigratória dupla: chegam ao país, de um lado, profissionais altamente qualificados e, de outro, trabalhadores com pouca ou nenhuma qualificação, a chamada 'mão de obra barata'.

O que estamos propondo é que a relação entre saúde e trabalho, mesmo no caso das imigrantes, seja entendida por meio da ideia de 'classes sociais'. Assim, os imigrantes não podem ser considerados como uma massa homogênea. Os haitianos, em grande medida, estão inseridos na segunda onda migratória (trabalhadores pouco qualificados), mas, mesmo entre eles, existem diferenças.

O trabalho é, por sinal, uma dimensão importante do processo migratório. Durante a pesquisa e a realização das entrevistas, ficou evidente que a principal questão que leva os indivíduos a migrarem é a procura por emprego, e, dessa forma, tentar garantir a própria sobrevivência e a dos familiares.

Pensando em termos de 'classe social', poderíamos dizer, então, que os imigrantes haitianos são uma 'camada' da classe trabalhadora. O que isso significa? Por um lado, significa que os interesses dos imigrantes haitianos integram o campo de interesses mais gerais da classe trabalhadora, por outro, porém, enquanto 'fragmento' da classe trabalhadora, eles convivem com condições e situações (de vida, trabalho e saúde) específicas, peculiares a esse grupo social.

continua

oglobo.com.br

O GLOBO

Brasil fecha fronteiras para conter 'invasão' de haitianos

Contra atuação de coiotes, governo vai reforçar fiscalização e controlar vistos de trabalho

O CAMINHO ATÉ O BRASIL

BRASIL

http://4.bp.blogspot.com/-VFrcKMWZy0c/T_IlhKaV_I/AAAAAAAAHUA/rHaRguRrY3I/s640/tumblr_lxmuo9YsO21qha011.jpg

RACISMO NÃO - XENOFOBIA NÃO

http://amenidades.blog.br/wp-content/uploads/2013/06/BrasilHaiti.jpg

Referências Bibliográficas

CALLINICOS, A. Capitalismo e racismo. São Paulo: Zahar, 2000.

EBERHARDT, L. D. Haitianos em Cascavel, Paraná: história, trabalho e saúde. 212f. 2017. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

EBERHARDT, L. D.; MIRANDA, A. C. Saúde do trabalhador nos frigoríficos de aves da região Oeste do Paraná, Brasil. In: SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UERGS, 6., 2016. Anais... Bagé (RS): UERGS, 2016.

EBERHARDT, L. D.; MIRANDA, A. C. Saúde, trabalho e imigração: revisão da literatura científica latino-americana. Saúde em Debate, Rio de Janeiro, v. 41, n. esp., p. 299-312, jun. 2017.

VILLEN, P. A nova configuração da imigração no Brasil sob a óptica do trabalho. In: ANTUNES, R. (Org.). Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III. São Paulo: Boitempo, 2014.

Leonardo Dresch Eberhardt é graduado em Enfermagem pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Mestre e doutorando em Saúde Pública (ENSP/Fiocruz). Atua na linha de pesquisa "Saúde e Trabalho" e integra a "Rede de pesquisas em saúde do trabalhador: produção de conhecimentos entre trabalhadores, profissionais dos serviços e pesquisadores".

Quais são as situações peculiares com que convivem os imigrantes haitianos? A integração desse grupo no mercado de trabalho se dá, em geral, de formas conhecidas como 'precárias': salários baixos, jornadas de trabalho extensas e pouca ou nenhuma proteção social. Em outros termos, esses indivíduos tendem a ocupar postos de trabalho que a população 'nativa', quando pode escolher, não ocupa. Isso leva a carências materiais importantes (moradia, alimentação, transporte etc.), que terão impacto na saúde.

No frigorífico de aves que estudamos em Cascavel os imigrantes haitianos convivem com condições de trabalho adversas à saúde, como o ritmo intenso, pressão da chefia, jornada de trabalho extenuante e frio congelante. O salário que recebem é insuficiente para garantir sua sobrevivência no Brasil, motivo pelo qual uma grande parcela deles tem voltado para o Haiti ou migrado para outros países da América do Sul, como o Chile. Os empresários buscam extrair o máximo de trabalho pagando o menor salário possível (EBERHARDT, 2017). Nesse sentido, gostaríamos de assinalar que quando se fala em saúde do trabalhador, é preciso ir além dos aspectos concretos do processo de trabalho. Deve-se incorporar na discussão aspectos envolvidos na valorização do trabalho, ou seja, na produção de lucro para o empresário: remuneração, jornada de trabalho, ritmo de trabalho, formas de negociação e, sobretudo, os embates e conflitos entre empresa e trabalhadores produzidos nesse contexto. Essa consideração é muito importante, pois é a busca pelo lucro que irá definir como o trabalho irá acontecer 'na prática'. Em segundo lugar, os imigrantes haitianos sofrem com o racismo e a violência. Essas duas questões estão entrelaçadas. É preciso entender o racismo não simplesmente como o ato de 'injúria racial' (ou preconceito) em si mesmo, mas como uma forma de legitimar a situação de subalternidade vivida pela população imigrante. Nesse contexto interagem, também, as barreiras culturais e linguísticas. As consequências do racismo para a classe trabalhadora são uma maior fragmentação e divisão no interior do movimento operário (CALLINICOS, 2000).

A questão dos imigrantes precisa ser incluída nas pautas e debates do movimento sindical. Isso deve ser feito de forma a buscar compreender a situação dos imigrantes no Brasil, sobretudo daqueles provenientes dos países 'periféricos' - América Latina, Caribe, África e sul da Ásia, por exemplo -. Essa compreensão é um primeiro passo na direção de integrar as 'frações' da classe trabalhadora, para construir uma relação de solidariedade. No caso dessa pesquisa, trata-se de integrar e solidarizar trabalhadores nativos e imigrantes. Afinal, ambos estarão lado a lado na luta e resistência, seja no interior da fábrica, nos sindicatos, na rua, nas escolas ou onde quer que seja. ■ ■ ■

NOTA dos EDITORES

A produção acadêmica de textos, ditos científicos, não é acessível ao cidadão 'comum'. Os milhares e milhares de textos produzidos e armazenados em revistas científicas, todos os anos, são lidos apenas entre os pares, ou seja, entre os mesmos que os escrevem. Ficam armazenados nas estantes de uma 'ciência' hermética, discriminatória e descolada da sociedade que, para ser conhecida do público, tem que ser traduzida nos jornais, revistas 'leigas', boletins, televisão, blogs, vídeos da internet, no boca-a-boca. No caso da saúde do trabalhador, essa situação é mais grave, pois o que se escreve sobre o tema deveria ter como alvo principal de divulgação, ora pois, os trabalhadores! Não é o que ocorre. Revistas 'científicas' que tratam da saúde do trabalhador não são "para o bico" dos trabalhadores comuns. E, cada vez mais, são cada vez menos "para o bico" dos próprios pesquisadores da saúde do trabalhador. São muitos os obstáculos para que nós, acadêmicos, professores, militantes, profissionais da saúde do trabalhador consigamos publicar em revistas 'científicas'. Os julgadores dos textos são rigorosos, cujo rigor, guardado pelo anonimato, é de credibilidade duvidosa. Querem mudar conteúdo, questionar opiniões, mudar o método, mexer na alma do que está escrito. Além disso, revistas 'científicas' cada vez mais cobram para publicar, exigem tradução para o inglês, levam meses e até anos para dar respostas se aceitam ou não o artigo que parece ser tido como uma ameaça para uma estética científica de caráter dúbio e que não está preocupada em massificar e democratizar o conhecimento produzido. É com este espírito de resistência que a seção de artigos do Boletim do Fórum Intersindical pretende ser um espaço aberto e democrático de reflexão e difusão de conhecimentos. Mande seu texto. Participe! ■ ■ ■

PERFIL SINDICAL

Claudinei de Souza

SINTRATURB-Sindicato dos Motoristas e Cobradores de Ônibus do Rio de Janeiro

Claudinei dirige ônibus há 17 anos e gosta. Como profissional da direção sabe dar direção à sua vida. Percorrendo diariamente os mesmos caminhos, soube escolher outros caminhos para aprender a lutar por sua categoria na busca de direitos. No início de sua vida sindical, considerava-se leigo em matéria de direitos. Chegou no sindicato em 2009, num momento em que a categoria se encontrava abandonada e revoltada. Via com tristeza o horário de trabalho passar de 6 para 7 horas; a retirada da participação dos lucros; a criação da dupla função do motorista. O fim do cobrador, desde que começou a dupla função, decretou a perda de mais de 8 mil postos de trabalho. A polêmica não acabou, mas a tendência é ampliar a bilhetagem eletrônica, mantendo o fim do cobrador. O capital usa o avanço tecnológico para continuar vencendo. O desemprego tecnológico é uma arma do capital para ampliar a exploração do trabalhador. Por questões judiciais, o mandato sindical efetivo de Claudinei iniciou em 2013.

Claudinei chama a atenção para os problemas de saúde da categoria. O assédio moral é evidente. Quando há problemas com o veículo a culpa recai sobre o motorista. A questão da alimentação é grave. Mesmo tendo conquistado a cesta básica, a luta é pelo ticket. Contando o tempo de deslocamento do motorista quando sai de casa até voltar, com as 7 horas de trabalho, mais duas horas extras, o profissional vive normalmente de 12 a 15 horas em função do trabalho. E a alimentação é irregular, inadequada, insalubre (salgadinho, refrigerante, doce etc...). A má alimentação associada ao cansaço também é causa de acidentes, além das condições do trânsito e da estrutura viária (responsabilidade do governo), da manutenção dos veículos (responsabilidade dos donos das empresas). E os problemas de alimentação também não são responsabilidade das empresas? Claudinei, em sua militância sindical nos fala da palavra mais certa: "a *palavra mais certa é a falta de reconhecimento da empresa. O cara dedica 20, 30 anos à empresa e na hora de ser mandado embora não tem o mínimo reconhecimento por ter sido um profissional que deu a sua vida por aquilo.*" Logo no início de sua militância sindical, em janeiro de 2009, Claudinei sentiu o peso da luta política. Alguns meses depois foi mandado embora. Esse aparente fato negativo teve para Claudinei um significado especial pois possibilitou-lhe se aproximar mais da sua categoria. "*Ser mandado embora me abriu a possibilidade de um tempo para meu aprendizado e foi quando eu tive tempo de ir para a rua conversar com os colegas. Aí eu comecei a me entrosar na questão sindical e fui me descobrindo dentro do sindicato tanto é que eu fiquei eufórico.*" Tempos depois, ao fazer o Curso de Formação Intersindical, Claudinei ressalta o conhecimento adquirido. "*Tem muita coisa que passa p'ra gente e de graça. E nosso sindicato não tem como bancar cursos.*" Claudinei em seu depoimento destaca algumas vitórias da categoria, desde que está na luta sindical. A homologação da justa causa foi muito importante porque para o patrão tudo era questão de justa causa. E se o trabalhador reclamasse ao ser demitido, mesmo sem ser por justa causa, o patrão dava a entender que era e mandava o trabalhador ir para a justiça. "*Quando ele não queria mais você ele dizia vai para a justiça, ele não te alegava uma justa causa, mas dava a entender que era justa causa.*" A questão da dobra, da mudança de horário e de linha, que se constituem em pressão psicológica e assédio, são problemas que foram e são enfrentados. Essas são algumas das causas que levam os trabalhadores à insatisfação, ao absenteísmo, à dificuldade em cumprir com sua parte com satisfação. Fora a questão de você ter que trabalhar com os carros quebrados, com problemas de manutenção e de segurança. Outra vitória importante foi na campanha salarial de 2013, em que "*a gente conseguiu uma cláusula onde o trabalhador que tiver faltando um ano para a aposentadoria não poderá ser mandado embora pela empresa. Ele tem que ir ao INSS pegar uma carta de intenção da aposentadoria e depois levar à empresa que vai garantir a ele aquele ano. Aí, se o empregador quiser mandar embora pode, mas vai ter que garantir um ano de INSS para que o trabalhador não tenha prejuízo na aposentadoria.*" Claudinei assinala outra vitória importante. "*Outra conquista foi a hora do almoço. Como o rodoviário não tem como parar para o almoço, ela é tida como um horário normal e, portanto, não se pagava. O que nós fizemos? Conseguimos que esse pagamento viesse para dentro da convenção coletiva. E como se paga na convenção coletiva? 30 minutos fracionados no contracheque e os outros 30 minutos é indenizado. Isso trouxe para o bolso do trabalhador mais R$ 200,00 para o contracheque.*" Finalmente, Claudinei relata sua reflexão sobre o SUS. Após o Curso de Formação Intersindical passou a entender melhor o que é o SUS e dá sua contribuição na sua defesa. "*Eu achava que o plano de saúde era a coisa mais viável. Hoje, eu consigo entender e passo para as pessoas. 'Tá entendendo? Chego em casa e falo para minha mãe .. poxa mãe o SUS foi criado para nos atender. Eu consigo passar para as pessoas ... as pessoas dizem que está falido e eu digo que está falido porque a gente não luta por ele. E dizem p'ra mim como você fala isso de uma coisa que você era contra? Eu digo: eu era contra porque não tinha conhecimento. Agora sou um pouco mais esclarecido.*" ■ ■ ■

Trabalhadores Anônimos

Dando Visibilidade às Identidades Sociais

Espedita

Uma Trabalhadora Cantada por Gonzaga

Espedita, ou Pedita, como costuma ser chamada carinhosamente, poderia ser protagonista de mais uma história entre tantas outras que conhecemos nos muitos "Brasis" que formam nossa Pátria. Sua história se mistura com a clássica e abundante migração do Nordeste para o Sul, em busca de melhores condições de vida, trabalho e todo aquele sonho, por muitas vezes ilusório, das vantagens das cidades grandes. Entretanto, ela não é mais uma trabalhadora migrante, simplesmente. Deixa sua marca e espalha por onde passa a ternura, sua força de viver e de enfrentar, de peito aberto, as dificuldades da vida. Espedita é exemplo de dignidade de uma legítima trabalhadora brasileira. Natural de Fortaleza/Ceará, Espedita Henrique de Souza, filha de Dona Rita e Sr. Cícero, tem 61 anos, teve nove filhos e tem 14 netos. A música de Luiz Gonzaga cantou o Nordeste de todas as formas, fala do nordestino, de sua força para o trabalho e suas lutas, mas também fala da mulher nordestina, trabalhadora, brava e forte. Espedita poderia ser personagem de muitos dos baiões de Luiz Gonzaga, cantada em prosa e verso, que mostram mulheres fortes, que, não por acaso, tornam-se as lideranças das famílias e dos lares, capazes de enfrentar os maiores desafios e as violências da vida árida, difícil e as injustiças dentro de casa e na sociedade ao seu redor. Injustiças como a vivenciada recentemente, com a morte de seu filho caçula, o Guguinha, no dia de seu aniversário de 15 anos, dentro de uma instituição "socioeducativa" do estado do Rio de Janeiro, que se propõe a reinserir o adolescente na sociedade. Com muita vontade, força e dedicação, Espedita enfrenta um processo judicial letárgico contra o estado e contra essa instituição, mostrando, como boa nordestina, "mulher macho sim senhor", que não foge à luta e combate a invisibilidade e as injustiças recorrentes a que os trabalhadores e trabalhadoras, em sua maioria, estão submetidos. Espedita começou a trabalhar com 10 anos de idade, ainda em Fortaleza, já em casas de família, como empregada doméstica. Ainda muito jovem, embarca para o Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades de trabalho, exercendo atividades remuneradas como ambulante, fazendo trabalhos temporários, até voltar para a profissão de sua infância, como empregada doméstica, profissão que ocupa há mais de 40 anos, com jornadas de trabalho de até 12 horas diárias, sendo muito requisitada, cuidando da casa e de famílias semanalmente por mais de 10 anos, no mínimo. Espedita relata a grande felicidade em trabalhar, poder criar dignamente seus filhos e netos, blindá-los de toda violência que circunda sua casa em Piabetá, quase três horas do centro do Rio de Janeiro. É muito orgulhosa de todos estarem criados e seguirem no caminho do trabalho honesto, com suas famílias formadas. Espedita conta que sua atividade laborativa é marcada por momentos de tristeza e alegria. Por certo, sua alegria é decorrente de suas qualidades. Por onde passa, Espedita se torna parte integrante das famílias e muito amada por todos. Sorridente, fala baixinho que não gosta de passar roupa e o que mais gosta de fazer é cozinhar, estar à frente da cozinha de restaurantes, casas de festas ou casas de família. Levanta-se de madrugada e nada a intimida, esforçada, forte e trabalhadora, é a cara do Brasil que luta, constrói e cria nossas famílias. Espedita e muitas trabalhadoras como ela, lembradas em cantigas de Gonzaga, Jackson do Pandeiro, em toadas, prosas, músicas e repentes pelo Brasil afora, continuarão sendo fonte de inspiração. Elas sintetizam a força das mulheres trabalhadoras, que lutam por condições melhores de trabalho, tomam a frente do sustento de suas famílias, criam e educam, no seu fazer profissional como empregadas domésticas, muitas outras famílias que passam a ser suas também. E exercem, muitas vezes, a função de mãe, cuidadora e profissional competente do lar. Mulher de dar gosto, como diz Simone de Beauvoir: "ninguém nasce mulher, torna-se mulher". Nossa entrevistada tornou-se mulher e trabalhadora de fibra brasileira e nos mostra de cabeça erguida que o trabalho, em suas próprias palavras, "é tudo na vida". Como diz o Rei do Baião, "é miudinha, pequenina, mas não tem mulher mais forte, bonita e valente no lugar..." ■ ■ ■

INFORMES

PRÓXIMA REUNIÃO do FÓRUM INTERSINDICAL

no DIHS/ENSP/Fiocruz
Av. Brasil, 4036, sala 905, Manguinhos - Rio de Janeiro
Telefone: (21) 3882-9222/9223

Dia 29/09 - 6ª feira
09 às 11:00h - reunião ordinária

11:30 às 13:00h

Oficina Temática

Carlos Minayo Gomez

Apresentando o documentário e debate:

"Mulheres das Águas"

Um retrato da vida e da luta das pescadoras nos manguezais do Nordeste do Brasil.

Acompanhe...

Participação dos sindicalistas do Fórum na disciplina de mestrado/doutorado da Ensp/Fiocruz

A disciplina Saúde, Trabalho, Direito – uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória, direcionada para os alunos de pós-graduação da Fiocruz e outras universidades vem contando com alguns dos companheiros do Fórum Intersindical em suas sessões. A participação dos companheiros tem enriquecido muito o debate. Estiveram lá Luizinho (metalúrgico), Ronaldão (bancário), Edna (telecomunicações) e outros já estão programados. A cada sessão é debatido um capítulo do livro que dá nome à disciplina e está disponível em nosso blog. Participe!

1° Encontro do Comitê Fiocruz para

Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência

Rio de Janeiro 22 Setembro | 2017

Realizado o histórico encontro que coloca a Fiocruz no mapa da inclusão e acessibilidade das pessoas com deficiência. O Fórum Intersindical participou deste processo e se orgulha!

ATENÇÃO!

Se você tem interesse em escrever um texto sobre saúde do trabalhador para a nossa seção artigo do mês entre no blog e veja como proceder:
www.multiplicadoresdevisat.com

Fórum Intersindical Saúde do Trabalhador Luta por Direitos

CONTINUAM ABERTAS as INSCRIÇÕES para o BOLETIM ESPECIAL de FOTOGRAFIAS sobre SAÚDE do TRABALHADOR.
Veja as instruções para o concurso em nosso site
www.multiplicadoresdevisat.com
Já pode ir tirando suas fotos!!

O Fórum Intersindical Saúde-Trabalho-Direito completou dois anos com uma linda festa no Centro Social-Esportivo dos Rodoviários. DJ Cyro Haddad e Dr. Claudio Tadeu & os Naturais da Rocinha abrilhantaram a comemoração. O médico italiano Bernardino Ramazzini, defensor intransigente da saúde dos trabalhadores, que viveu há mais de 300 anos, esteve presente em cada um dos convidados. Veja como foi.

Angela anunciando a chegada de Ramazzini

Fadel Ramazzini

Dr. Cláudio Tadeu Ramazzini

Fórum Intersindical Emoção e Luta pela Saúde do Trabalhador

INFORMES continuação

Coordenação do Fórum Intersindical
Fadel – Jacqueline – Ana Paula – Luciene – Ana Carolina - Renato

Fadel Ramazzini e Jorginho (metalúrgico), um dos mentores do Fórum Intersindical

Luciene, Fadel Ramazzini e DJ Cyro Haddad

Luciene e Luizinho Ramazzini

Fotos
Marcel Caldas

Fórum Intersindical – aniversário de dois anos
com a presença de Bernardino Ramazzini – agosto 2017

Coordenação:
Ana Paula Bragança (Pesq. Colab. DIHS/ENSP/FIOCRUZ)
Jacqueline Wilhelm Caldas (mestranda ENSP/FIOCRUZ)
Luciene Aguiar (doutoranda ENSP/FIOCRUZ)
Renato José Bonfatti (CESTEH/ENSP/FIOCRUZ)
Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos (DIHS/ENSP/FIOCRUZ)

Fórum Intersindical de Formação em Saúde-Trabalho-Direito para a Ação em Saúde do Trabalhador
Av. Brasil, 4036, sala 905, Manguinhos - CEP: 21.040-361
Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (21) 3882-9222/9223
forumintersindical@gmail.com